# Brazlândia opera "no limite"

LEONEL ROCHA Da Editoria de Cidade

Espaço e pessoal. Estes são os principais problemas enfrentados hoje pelo Hospital Regional de Brazlândia, a 50 quilômetros do Plano Piloto. Oitenta e um leitos e mais de 100 pessoas por dia no Pronto-Socorro, o HRB opera "no limite" e não tem condições de receber sequer um paciente que por acaso seja transferido de outra unidade hospitalar da FHDF.

O Hospital de Brazlândia, como todos que atendem ao homem do campo, carece de atendimento mais sofisticado, obrigando a transferência de pacientes para outras unidades maiores. Dois meses depois do final da greve dos médicos, o hospital continua com a maioria dos itens levantados pela comissão do Sindicato dos Médicos dependendo de resolução imediata.

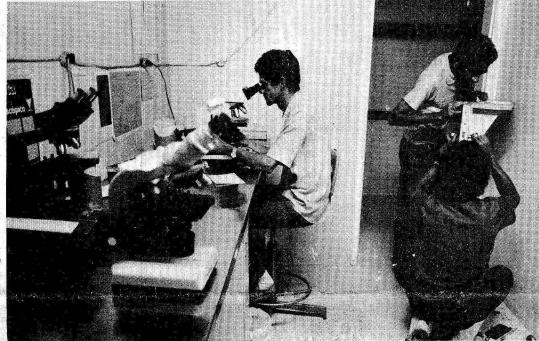
O HRB atende pacientes das cidades de Padre Bernardo, Corumbá de Goiás e Miquelândia, além dos moradores da própria cidade. Isto provoca, freqüentemente, problemas no atendimento, o que implica transferência para o Hospital de Base. Este círculo vicioso parece não estar desfeito, mesmo com a desativação de parte do HBB, um "hospital referência por sua capacidade de atendimento de vários casos", comenta o diretor do hospital de Brazlândia, Francisco Gomes de Castro.

### **PROBLEMAS**

Durante a visita do CORREIO BRAZILIENSE ao hospital de Brazlândia, um dos dois dentistas lotados naquela unidade apelava desesperada-mente pela sua transferência, já que tinha arrumado "uma vaga em outra unidade da Fundação Hospitalar do Distrito Federal". O diretor Francisco Gomes de Castro pensou um pouco e perguntou se ele tem um substituto. O médico respondeu que não, mas justificou que é uma transferência provi-sória, e até o início de janeiro. O diretor argumentou que vai ficar com apenas um dentista no hospital, o que provocaria problemas no atendimento. O médico insistiu e alegou que é o mais velho profissional daquele hospital. A negativa definitiva do diretor veio com a justificativa de que as contratações estão proibidas e outro médico não poderia ser deslocado para a vaga criada com a possível

transferência.
Este parece ser o maior problema hoje enfrentado pelo hospital de Brazlândia. Ninguém quer ficar a 50 quilômetros do Plano Piloto (e muitas vezes, a depender do lugar onde mora no Plano, a distância pode até dobrar). O diretor Francisco Gomes de Castro lamenta que não exista uma política de incentivo para os profissionais que trabalham em unidades longe de suas

Um exemplo de dificuldade é



Laboratório: falta espaço para trabahar, temperatura é alta e não há ventilação

quando o servidor ou médico necessita do transporte coletivo para voltar para casa. Esperam muito tempo e quando o ônibus passa não pára porque está lotado. "Isto é muito desagradável. O médico hoje é um operário e não pode mais viajar 100 quilômetros por dia de carro próprio para trabalhar", afirma Francisco Gomes de Castro.

## **INUNDAÇÕES**

Segundo informações obtidas no hospital de Brazlândia, quando chove o prédio fica alagado. Existem problemas na encanação de águas pluviais. Os canos são pequenos e não dão vazão necessária para secar o local. Isto apesar de o hospital de Brazlândia ter uma estrutura um pouco acima do nível das pistas que dão acesso ao centro da cidade.

Também por causa das chuvas, algumas paredes estão com problemas de infiltração e mofo. Na sala onde funciona a administração da farmácia, por exemplo, a calha está furada e a água da chuva molha uma das paredes.

Além disso, segundo o próprio diretor, a instalação de uma central telefônica é necessária para facilitar a comunicação dos médicos com outras unidades e dos pacientes com o hospital. Após alguns minutos, a ligação feita do hospital é cortada.

Aparentemente o hospital de Brazlândia está razoavelmente conservado. Lá não existe um funcionário (engenheiro) responsável pela manutenção. Tudo depende do Departamento de Engenharia, mas o diretor Francisco Gomes de Castro afirma que "existe a maior boa vontade". Há cerca de dois meses duas caldeiras movidas a óleo diesel funcionam para abastecer o hospital de água quente e vapor d'água. Estas duas peças estão sem graves problemas de manutenção ape-

sar de três anos de vida e recuperadas para servir em Brazlândia depois de dispensadas do Hospital R Regional da Ceilândia.

### **ESPAÇO**

A sala de descanso dos médicos plantonistas é um cubículo pouco ventilado e com os armários de metal destinados aos médicos apertando os beliches. O diretor Francisco Gomes de Castro quer a instalação de uma creche para os funcionários, uma área de lazer e uma melhoria nas instalações de descanso dos médicos.

O hospital também precisa de espaço no laboratório. Lá a temperatura é muito alta e a ventilação não existe. O diretor do HRB mostra uma grande área nos fundos do hospital que pode ser usada, tanto para ampliação da unidade quanto para a construção de moradias populares para os funcionários, como propõe Francisco Gomes de Castro. Ele mostra a horta cultivada nas horas de folga pelos funcionários, e, orgulhoso, comenta que foi eleito para a diretoria.

Apesar do laboratório do hospital nem todos os exames podem ser feitos lá mesmo. Parte é enviada para o laboratório da Ceilândia, onde existe maior capacidade de trabalho. Outro problema é o isolamento. Não existem — segundo o diretor — condições de isolar o paciente do médico ou enfermeiro que está trabalhando, e também do doente com alguma infecção contagiosa de outros pacientes.

## PRONTO-SOCORRO

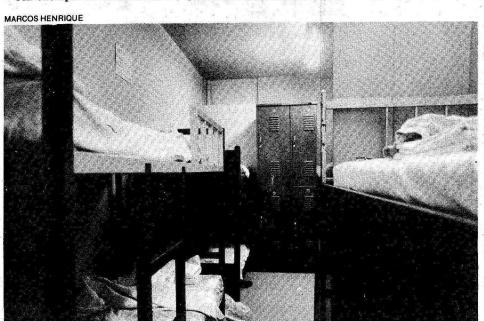
Os 25 leitos do Pronto-Socorro são insuficientes para o atendimento dos pacientes de Brazlândia e redondezas. Principalmente na época de seca com a umidade do ar abaixo do razoável, o número de crianças com problemas de desidratação é

grande, causando congestionamento naquela parte do hospital

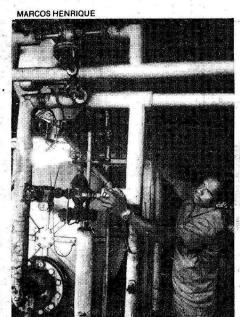
"Nós estamos muito longe do Pronto-Socorro ideal'h, afirma o diretor, admitindo as deficiências. Algumas paredes estão recém-pintadas depois de consertos no reboco. O piso do Centro Cirúrgico deve ser mudado, já que foi feito de cimento e está desgastado. O piso ideal é de material sintético, o que deve ser feito em breve, promete o diretor.

Na farmácia do Hospital Regional de Brazlândia, os medi-camentos são suficientes ape-nas para os pacientes internados. Para quem foi atendido e não vai ficar internado mas necessita do remédio existe dificuldade para a sua obtenção. Existem ampolas de soro antiofídico o bastante, mas o hospital ficou conhecido há alguns meses com a unidade por onde passou o menino Edwan Lopes necessitando de soro antiofídico e não encontrou, necessitando ir ao Hospital de Base (onde também não tinha), onde esperou por cinco horas. Edwan morreu alguns dias após ser mordido pela jararacucu na fazenda onde seu pai trabalha em Padre Bernardo.

Segundo alguns pacientes ouvidos ontem no hospital, existe muita demora no atendimento e na marcação de pequenas cirurgias. "Eu não posso esperar 15 dias para ser operada, tenho que procurar outro hospital' lamentava uma paciente que saía do hospital preocupada com a demora no seu tratamen-to. O diretor do HRB não permi-tiu o acesso ao Centro Cirúrgico, alegando problemas funcionais. Perguntado se não poderia munir os repórteres de roupas adequadas, como aconteceu na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital de Base na semana passada, Francisco Gomes de Castro disse que temia infecção.



Sala de descanso: cubículo espremido entre beliches e armários



Caldeiras: sem problemas há 3 anos